
Crystyanne Toledo

Boa tarde, professor,¹

além de ser bastante tímida, não teria tempo suficiente para discutir com o senhor durante a aula sobre seu livro, então decidi lhe enviar este *e-mail*.

Não encontro palavras apropriadas para descrever o livro. Então, se me permite a analogia um pouco diferente, eu o compararia com um bolo de chocolate! Estranho, né? Não muito, se ver pelo meu ponto de vista! Compramos o bolo geralmente encantados com sua cobertura, que derrete e faz brilhar nossos olhos. Quando comecei a ler seu livro, meu interesse era conhecer a Grécia, sua arquitetura, seus palácios, suas ruas... O título do livro era como aquela cobertura. Porém, o que também chamou minha atenção – como em alguns bolos (talvez os melhores) – foi o recheio, que aqui comparo com os mitos e as histórias dos deuses pelos quais sempre fui encantada...

No entanto, ainda tem algo sobre o bolo que não comentei – a massa –, e talvez seja por isso que conseguimos comer o bolo de chocolate. Não que a cobertura e o recheio não sejam ótimos. São deliciosos! Entretanto, o bolo precisa estar com aquela massa fofinha e gostosa para tudo se tornar irresistível! Bom, a massa do bolo seria esse “diário de bordo”, as descrições de cada segundo que o senhor passou na Grécia, sentimentos, impressões, conclusões. É isso que nos faz entrarmos na Grécia com o senhor e, sem dúvida, nos deslumbrarmos com a beleza daquele lugar!

Nunca tive contato com o autor de nenhum livro, e peço desculpas se estiver sendo desagradável, mas preciso expor minhas ideias...

Primeiro, é simples e de fácil compreensão a linguagem usada... Posso dizer que me arrependo de ter levado tanto tempo para começar a lê-lo, mas fiquei enrolando com outros trabalhos e projetos e em função disso fui adiando sua leitura. Contudo, quando o li, fiquei encantada de verdade. Li e reli várias vezes o mesmo trecho com receio de ter passado algum detalhe que minha leitura não tivesse permitido perceber! As descrições são muito “fortes”, e a impressão é que realmente estamos caminhando pela Grécia...

Por falar em caminhada, que loucura essa caminhada até o Santuário de Iouktas, hein? Como teve coragem de subir o pico da montanha sozinho e no calor mencionado?

De antemão lhe asseguro que todos que leram seu livro passaram esse sufoco com o senhor, a sensação de medo de cair de lá, de vontade de ir embora, e depois arrependimento de ter saído tão cedo!

E, um pouco mais à frente, as descrições sobre o palácio de Cnossos, o chifre, o forte, e finalmente a representação de pinturas que não eram de guerra. Se pensarmos um pouco em quantas civilizações temos inúmeras pinturas mostrando a caça, vitórias e coisas do tipo?! E essa civilização começa a mostrar que é diferente, pois mostropaisagens, cenas do cotidiano, vegetais, animais. Me lembro da representação dos golfinhos também! Qual foi a sensação ao ver isso tudo professor? Porque em mim, ao ler, era uma sensação de paz! De que aquele povo vivia ou pelo menos pregava essa paz! E aí entra na questão que o senhor respondeu lá na frente no Congresso em Kavála quando te perguntaram se estava tentando encontrar uma referência ideal na sociedade minoica e se não estava idealizando essa sociedade! Sua resposta foi sábia, mas talvez, enquanto leitora, eu teria tomado partido dessa sociedade também, porque afinal o que procuramos é uma sociedade justa, que busca e que tem harmonia como aquela. Então não seria espantoso idealizar essa sociedade por possuir as características que não encontramos na nossa!

Voltando um pouco, fiquei admirada em saber dos Congressos de Filosofia e entendo completamente o medo que sentiu de “palestrar” para 150 participantes doutores e que não estavam mesmo ali para mordê-lo, mas inicialmente essa é a nossa sensação, não é? O senhor estava entre amigos, não era o primeiro nem o último Congresso que de participaria, mas falar em público será sempre algo meio tenebroso até começar a falar! E confesso que ri muito quando contou do XX Congresso, que estavam com medo da pronúncia das palavras sola e alma que seriam a

mesma em inglês e poderia confundir os ouvintes. Mais especificamente achei muito engraçado quando disse:

“De fato, pensei cá comigo, quando eu me referisse à sola do pé inclinada ninguém entenderia ‘alma do pé inclinada’; menor ainda a possibilidade de alguém entender que a sociedade cicládica havia assumido a ‘transcendência da sola do pé’” (p. 70).

E em algum trecho do livro o senhor comenta ter conhecido uma arqueóloga, perdoe-me, mas não me lembro do nome, que estaria tentando provar que Kydonia deveria ser reconhecido como um palácio minoico também, e ela fala sobre uma pequena estatueta encontrada em que uma de suas mãos era um touro e a outra um leão, o senhor chegou a vê-la? Era tão intrigante quanto parece na descrição? Acredita mesmo ser possível a unificação da sociedade minoica com a micênica?

Kydonia deve ser uma cidade incrível, essa mistura do antigo com o novo, essa mistura de uma porção de culturas diferentes. Fico imaginando o quão bela e instigante ela deve ser! Assim como Mikonos, uma cidade que o senhor cita um pouco mais para frente ou para trás que a anterior, não sei bem, mas que possui as ruas extremamente estreitas e todas as casas pintadas de branco. O mais interessante é que havia um motivo para as ruas serem estreitas; na verdade, era autodefesa tanto contra piratas como contra o vento. Hoje, um urbanista nem sempre analisa o sentido dos ventos dominantes para traçar a cidade. Essa que eu imagino ser uma cidade bastante antiga teve esse estudo para tornar agradável a convivência ali. O que só me impressiona mais e me deixa mais maravilhada com essa sociedade!

E se eu era apaixonada e uma admiradora da Itália e de Roma, agora com certeza também sou da Grécia. Quero muito ir até lá e presenciar cada ruína de palácios, cada palácio ainda preservado, cada cidadezinha diferente e surpreendente; quero conhecer esses templos dedicados aos deuses; quero conhecer a Ágora de Atenas; toda essa arquitetura encantadora; quero ver todos os mitos de perto representados como naquele vaso de bronze que conta a história de Ariadne e Dioniso, que hoje está no Museu... Quero conhecer essa sociedade justa, que respeita objetos alheios e que jamais abandona uma questão!

Contudo, por ora me contento com a leitura deste livro que me deixou também com água na boca com as comidas mencionadas e me fez viajar a 10.000km e visitar, mesmo que não fisicamente, lugares tão perfeitos!

Espero não tê-lo aborrecido tomando tanto tempo com a leitura deste *e-mail*.

Boa tarde e parabéns! Está alcançando seu objetivo de incentivar uma sociedade melhor através de seus livros e de nos lembrar de que existem sociedades assim!

Att.

Crystyanne Toledo

Nota

- 1 Carta enviada por *e-mail* ao Prof. J. C. Avelino, em 13 de abril de 2012, comentando sobre seu livro *Viagem à Grécia Antiga*, escrita quando o professor ministrava a disciplina Filosofia para Arquitetura e Urbanismo, na PUC Goiás.